

Uma aproximação estética ao corpo desportivo

Teresa O. Lacerda

Faculdade de Desporto
Universidade do Porto
Portugal

RESUMO

Na sociedade mediatizada do século XXI, em que a imagem desempenha um papel crucial, a imagem do corpo desportivo adquiriu um protagonismo nunca antes alcançado. O *corpo desportivo* converteu-se no *corpo da moda*, exercendo uma forte atracção sobre o imaginário social, que procura continuamente aproximar o seu corpo do cânone instituído.

Se é certo que a atracção sobre a *forma* é algo que caracteriza o domínio da Estética, certo é também que, enquanto categoria antropológico-filosófica, a Estética refere-se a, pela forma, atingir uma singularidade. Erradamente, a Estética do Desporto é associada, quase de maneira exclusiva, às formas do corpo de alguns desportistas. O presente trabalho procura evidenciar que a morfologia corporal constitui, certamente, um factor de influência na estruturação da experiência estética desencadeada pelo Desporto. Contudo, sublinha-se de modo enfático, que o olhar estético amplia, ao invés de reduzir, as possibilidades do corpo desportivo, o que significa que a diversidade de tipos morfológicos exibida por esse corpo, expressa a sua pluralidade em termos de valor estético.

Palavras-chave: corpo, desporto, estética

ABSTRACT

Sporting body aesthetics: an overview

In mediatized XXIst century society, image gets an important role and sporting body image acquired a protagonism never ever reached before. Sporting body became synonym of the fashion body, exerting a strong attraction through the social imaginary that keeps on reaching to approach its body to the established canon.

Aesthetics dominium is characterized by shape attraction but, as an anthropological and philosophical category, Aesthetics deals with reaching, through shape, some kind of singularity. Erroneously, the Aesthetics of Sport is associated, in almost an exclusive way, to some sportsmen body shapes. The present study aims to enhance that body morphology is certainly an influence factor in the construction of aesthetic experience through sport. Nevertheless, it is strongly emphasized that the aesthetic way of looking extends, and not reduces, sporting body possibilities, which means that sporting body morphologic diversity expresses its plurality in what concerns its aesthetic value.

Key-words: body, sport, aesthetics

INTRODUÇÃO

Transformações bruscas e profundas a nível social, económico, científico e tecnológico são alguns dos sinais que marcam a sociedade contemporânea. Um outro sinal dos tempos é igualmente a valorização atribuída ao corpo: da ciência à filosofia, da arte ao desporto, o interesse sobre o corpo manifesta-se numa multiplicidade de discursos, em que a linguagem corporal se assume como uma forma de expressão que viabiliza e promove a comunicação e a inter-acção social. Como sinaliza Gil⁽⁵⁾, existe uma invasão do culto do corpo e uma profusão das suas significações.

O desporto investe o corpo de movimento, permitindo-lhe um discurso individual e colectivo, que possibilita algumas dessas significações. Se o movimento, em termos latos, se baseia num conjunto de ritmos, mais ou menos coordenados (dos ritmos fisiológicos aos ritmos locomotores), o movimento desportivo auferia a possibilidade de animar o corpo numa dança que se identifica com a vida. Na sociedade tecnológica do século XXI o desporto constitui uma das vias mais importantes de acesso do corpo ao movimento e o corpo que não experimenta o desporto, corre o risco de perder uma parte importante da significação do movimento. No limite a ausência de movimento do corpo humano traz a doença ou a morte.

Contemporaneamente, a importância do desporto na preservação da saúde e na manutenção de um corpo cuja morfologia respeite os padrões impostos socialmente, é por demais evidente. É pacífico que o desporto se manifesta como um meio de prevenção e profilaxia da doença, assim como de aquisição e conservação de uma forma corporal tão próxima, quanto possível, do designado *corpo da moda*.

Ao longo da história, a actividade desportiva tem reflectido os princípios e valores dominantes em cada época, assumindo-se como um espaço importante de manifestação dos diferentes tipos de relação que o homem vai estabelecendo com o corpo. O *corpo próprio* do pastor nómada pré-histórico, cujo dia a dia se traduzia na luta constante pela sobrevivência, era um corpo em movimento: marchar, trepar, correr, saltar, lançar, levantar, transportar, fazia parte do seu reportório motor; a excelência da *performance* manifestava-se por meio do sucesso na defesa contra os perigos a que se expunha diariamente.

Posteriormente, o *corpo colectivo* do agricultor sedentário procurava estar apto a zelar pela protecção da vida de cada comunidade. As práticas ludo-desportivas actuais encontram na dança, na caça, na natação, na canoagem, na corrida, nos lançamentos ou nos saltos do homem pré-histórico, a sua origem. O corpo da antiguidade clássica era um *corpo unitário*, que se robustecia por meio do exercício e se edificava através da literatura e da música. A idade média, por seu lado, difundiu a concepção *dualista do corpo*: o fanatismo e a superstição exprimiam-se através dum corpo físico que era local de confronto entre o bem e o mal, substância carnal na qual se manifestava a tentação, a corrupção, a doença; o corpo espiritual era o *locus* da alma, que aspirava à pureza e à salvação. A caça, a arte de cavalgar, os jogos e a dança faziam parte da actividade física. Os períodos históricos que se sucederam foram alternando entre as concepções de *corpo unitário* e *corpo fragmentário*, evoluindo-se progressivamente dos exercícios corporais para a actividade desportiva regulamentada e norteada pelo princípio do rendimento.

No presente trabalho evidencia-se a importância do corpo desportivo na compreensão da estética do desporto, ou seja, reflecte-se acerca daquele corpo que elege o movimento desportivo como forma de expressão e se converte num elemento matricial da estética do desporto. Detemo-nos no corpo desportivo da competição, da recreação, no corpo deficiente e no corpo envelhecido.

A ESTÉTICA DO CORPO DESPORTIVO

De forma equívoca, a estética do desporto é associada, quase exclusivamente, às formas do corpo de alguns desportistas o que, em termos de tipo morfológico, radica no ectomorfismo – percentagem elevada de massa magra e muscularidade moderada. A morfologia corporal interfere, naturalmente, na representação da estética do corpo desportivo, e intervém como um factor de influência na estruturação da experiência estética desencadeada pelo desporto. Contudo, o olhar estético amplia, ao invés de reduzir, as possibilidades desse corpo, o que significa que a diversidade de tipos morfológicos exibida pelo corpo desportivo expressa as suas potencialidades em termos de valor estético.

Ao metamorfosear-se, pelo exercício físico e pelo treino, o corpo desportivo evidencia-se, na expressão de Cunha e Silva⁽³⁾ como um *corpo de variabilidades*, que revela todas as suas possibilidades plásticas por intermédio do movimento desportivo. A plástica do corpo em movimento traduz-se nas linhas, formas, relevos, volumes daquele corpo que preenche o espaço e ocupa o tempo com o movimento. O corpo humano, graças ao treino intensivo a que pode ser submetido, adquire qualidades e graus de plasticidade optimais. Pode quase afirmar-se que o corpo é uma matéria plástica, no sentido em que é, de certa forma, modelável (pelo exercício físico e pelo treino). No domínio das artes plásticas, a intensa atracção pelas formas do corpo, remonta à arte pré-histórica, constituindo-se a Vénus de Willendorf (datada de cerca de 40.000 anos a.c.) como uma das suas referências basilares. De formas espessas, abdómen saliente, ancas largas, seios volumosos e coxas enormes, esta mulher gorda simbolizava a fertilidade e também a saúde, a abundância e a prosperidade, numa época ameaçada pela fome e pela privação. Esta obra remete para a aparência de alguns corpos contemporâneos dos países mais desenvolvidos: são corpos marcados pelo excesso de peso, pela era da *fast-food*. Curiosamente, em alguns países subdesenvolvidos e em vias de desenvolvimento, o excesso de peso começa a ser uma marca que se inscreve no corpo das populações, a evidenciar que os alimentos calóricos são baratos e que a obesidade pode traduzir também um sinal de pobreza.

As proporções do corpo sempre fascinaram os artistas, representando-as como uma realidade mágica, no caso da arte egípcia, ou como um ideal estético, na arte grega, ou sendo celebradas como uma incarnação visível da harmonia musical e astral, na arte renascentista⁽⁷⁾, que teve o mérito de trazer à representação pictórica do corpo, a tridimensionalidade. As vanguardas artísticas do século XX, que romperam com o academismo e com o impressionismo, encontraram em *Nu bleu* de Matisse (1907) e nas *Demoiselles d'Avignon* de Picasso (1907), as referências que anunciam a arte conceptual, que parte em busca de símbolos e de relações abstractas. As novas imagens rompem com todos os cânones estéticos, procurando provocar prazer, mas buscando também ensinar a interpretar o mundo com olhos diferen-

tes⁽⁴⁾. Contemporaneamente os artistas representam o corpo, cada um segundo uma tradução específica da sua visão: da representação figurativa ao isolamento de partes do corpo, transformadas, deformadas, ocultas, conjugadas de acordo com lógicas pessoais e expressas por técnicas próprias. O corpo desportivo tem inspirado a arte do nosso tempo: a literatura, o cinema, a arquitectura, a fotografia, a pintura, a escultura ou a dança, encontram na liberdade de movimentos expressa pelo corpo desportivo, fonte originária para a criação artística. O atleta *joga* com o valor estético do desporto, expondo categorias como a força, a velocidade, a habilidade ou a disputa, produzindo no artista um sentimento de identidade, que o impele a entrar no jogo. A participar no grandioso e mediático jogo de futebol, no qual o *corpo colectivo* encontra um dos espaços mais excelentes de expressão, ou no não menos grandioso e igualmente mediático combate de boxe, protagonizado pelo *corpo individual*. A propósito do último filme que integra o que pode ser já considerado como um marco na cinematografia dedicada ao desporto, a antologia *Rocky*, é oportuno evocar o fascínio que o boxe tem exercido sobre a arte. O corpo do boxeur é treinado e disciplinado para resistir e sobreviver, qual metáfora da inexorável condição humana. *O nada ou a glória*, como refere Antón Castro⁽²⁾, escritor espanhol da actualidade, que encontra no desporto a exaltação das linguagens do corpo.

A estética do corpo da competição

Do corpo da competição do atleta de alto rendimento, espera-se perfeição e excelência de movimentos. De forma extemporânea e algo simplista, a perfeição pode remeter para uma certa fidelidade a estereótipos técnicos, isto é, pode sugerir reprodução, imitação de modelos. É possível, contudo, realizar outras leituras acerca desta categoria. Na perfeição existe, de facto, uma afinidade com modelos técnicos que, até certo ponto, pode ser entendida como imitação. Aristóteles afirmava que imitar é co-natural ao homem, é reconhecer o que está fora de si e exerce atracção, determinando uma escolha que exige imitação. De acordo com esta perspectiva, nenhum acto imitativo é passivo ou inócuo; imitar é partilhar, por adesão profunda às disposições daquilo que se imita. Pode-se, contudo, imitar de muitas maneiras dife-

rentes, o significa, segundo Aristóteles, e de acordo com o seu conceito de *mimesis*, que toda a imitação é diferença⁽¹⁾. Assim, permite-se ao observador distinguir *naquela* forma determinada de execução técnica, uma certa autonomia e singularidade, não se tratando, portanto, de uma cópia literal. A tecnicidade não pode ser redutível à simples disposição imitativa, traduzindo-se, antes, numa actualização dos modelos, que revela a dinâmica produtiva humana.

No desporto passa-se algo de muito semelhante ao que acontecia com os pintores impressionistas, que usavam de forma repetida o mesmo modelo, fundamentados em duas ordens de razões: a inesgotabilidade do modelo e o sentimento de que nunca conseguiram verdadeiramente atingi-lo. No desporto, quando uma técnica passa a estar completamente dominada e *rotinizada* o atleta aspira a criar algo de novo. Não se trata apenas do estilo que o desportista é capaz de manifestar quando domina habilmente uma técnica, mas sim de desenvolver novas formas para atingir o mesmo objectivo.

Perfeição e excelência remetem também para virtuosismo, que pode ser entendido como a capacidade que alguém possui em conseguir ser tão perfeito tecnicamente, que acaba por contaminar esteticamente quem o observa. A estética do desporto prende-se muito com este “contágio”, com o fascínio que o atleta em movimento é capaz de exercer sobre o observador.

Ao expressar-se através do corpo, o movimento desportivo adequa-se, ao mesmo tempo que é adequado, ao morfótipo do atleta. Da ginasta de rítmica ou do saltador em altura espera-se linearidade, que permita amplitude de movimentos e grande impulsão vertical; do halterofilista ou do culturista espera-se significativa hipertrofia muscular que possibilite manifestações superlativas de força em regime de potência; dos lutadores sumo esperam-se quantitativos excepcionais de massa gorda. O corpo do desportista comunica, é um *corpo-livro*⁽⁸⁾, que possui uma certa *gramática de gestos*⁽⁵⁾ e que, através da sua narrativa, conta a história daquela pessoa que é o atleta. A harmonia entre o tipo morfológico e a tipologia do movimento é fundamental neste processo de comunicação. Procura-se uma relação perfeita entre forma e função, ou seja, entre o modelo do corpo e o movimento que lhe é requerido pela

modalidade em causa. A experiência estética induzida pela observação de desporto encontra na variabilidade morfológica do corpo desportivo, alguns dos nutrientes que a alimentam e potenciam. Como sublinha Cunha e Silva⁽³⁾, o desporto tem a capacidade de comunicar ao movimento corporal uma mais-valia estética. Trata-se como que de uma injeção cromática com que o Desporto valora o movimento.

A estética do corpo da recreação

Na sociedade mediatizada do século XXI, em que a imagem desempenha um papel crucial, a imagem do corpo desportivo adquiriu um protagonismo nunca antes alcançado. O corpo limpo, plano, lustroso, jovem, saudável, sedutor, exerce uma forte atracção sobre o imaginário social que, a qualquer preço, procura aproximar o seu corpo deste estereótipo tão difundido. Se é certo que a atracção sobre a *forma* é algo que caracteriza o domínio da estética, certo é também que, enquanto categoria antropológica, a estética se refere a, pela *forma*, atingir uma singularidade. Não é isto, contudo, que os clientes dos ginásios, *health clubs*, *fitness centers*, clubes de saúde, etc., procuram. Neste locais, orientados pelos valores da economia de mercado, imperam os princípios do rendimento, da eficácia, da competitividade. O lucro exprime-se por meio do consumo calórico, a eficiência na depleção dos açúcares e das gorduras traduz a eficácia dos programas de treino, a concorrência expõe-se nas imagens reflectidas pelos espelhos que não mentem nem iludem. O cliente que agora pedala no cicloergómetro, rumo a um destino nunca alcançado, pode até não saber o nome do seu colega do lado que rema no vazio, de mãos presas ao remoergómetro, estranho passageiro de uma embarcação que desliza por um rio sem margens nem caudal. No entanto, ele conhece ao pormenor a topografia do corpo do seu companheiro de viagem, eles relacionam-se pelo olhar antroposcópico. Como refere Gumbrecht⁽⁶⁾ os frequentadores de ginásios são, ao mesmo tempo, atletas e espectadores. Nestes espaços, mais de vigilância inter-corporal do que de inter-acção social, a estética revela-se na sua acepção mais próxima do senso comum, como meio de atingir objectivos pessoais e reconhecimento social. É a estética do instituto de beleza, da massagem e depilação, da cosmética e da maquilhagem. Não deixa de

ser, naturalmente, uma dimensão da estética, a da superfície. Mas a superfície por si só, isolada, define e extingue-se; existe para permitir a comunicação, a articulação com a profundidade, a manifestação do interior. A estética, ao olhar a superfície, olha em profundidade e exerce uma influência sobre o interior.

A estética do corpo deficiente

No movimento do corpo diferente, deficiente, o desporto descobriu um outro espaço para manifestar a sua estética. Na sociedade da imagem em que estamos imersos o corpo é, como salienta Rodrigues⁽⁹⁾ “*um factor de inclusão ou de exclusão social. A comunicação que ele veicula aproxima ou afasta as pessoas de determinadas realidades sociais.*” (p. 40). As malformações corporais, congénitas ou adquiridas, atentam contra a integridade estética e funcional do corpo. Os indivíduos deficientes podem apresentar uma aparência física que choca e angustia os ditos *normais*, que têm dificuldade em reconhecer valor estético no corpo diferente. Portadores de um corpo que se afasta do estereótipo do corpo da pessoa dita *normal*, o corpo deficiente é frequentemente considerado menos belo, despertando atitudes de rejeição e de repulsa. O desporto para deficientes, que tem o seu expoente máximo no desporto paralímpico, sinaliza um exemplo de como o corpo deficiente possibilita a abertura a novos olhares sobre o corpo desportivo, olhares esses que alargam e enriquecem os horizontes da estética do desporto. A força, a graça, a perfeição, a elegância, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, a criatividade, a transgressão, a superação, adquirem um valor semântico acrescentado por meio das *performances* exibidas pelo corpo desportivo deficiente. Se é certo que o desporto de alta competição exige dedicação, talento e desgaste físico, do desportista deficiente ele exige tudo isto de forma ampliada, na medida em que à luta para chegar mais alto, e ser mais rápido e mais forte, se junta o combate contra os estigmas que o acompanham, enquanto portador de um corpo deficiente. Deste modo, a categoria superação contribui de forma muito expressiva para a estética do desporto para deficientes.

Busca, força, inspiração, celebração foram o lema dos Jogos Paralímpicos de Atenas 2004. Os heróis da mitologia grega, que ultrapassavam a sua capacidade

humana, oferecendo narrativas únicas com as suas conquistas, revelam-se como uma imagem excelente da transcendência a que o corpo deficiente acede através do movimento desportivo. Busca do nunca antes alcançado, força para mostrar que quando os deficientes são a referência, os diferentes podem ser os normais, inspiração na criação de momentos de uma emocionalidade singular, celebração da liberdade, que não se aprisiona em corpo nenhum, muito menos no do desportista deficiente.

A estética do corpo envelhecido

A liberdade do corpo por meio do desporto expressa-se também através do desporto para seniores, que redimensiona o valor estético do corpo. A sociedade contemporânea impõe o desequilíbrio entre a idade biológica e a aparência física, de modo que envelhecer deixou de ser natural, tornou-se quase perverso. Há que envelhecer mantendo um aspecto belo, jovem e saudável. É certo que a associação entre desporto e saúde é hoje em dia incontestável, parecendo muito consistente a fundamentação científica quanto aos benefícios do exercício físico na redução, por exemplo, dos acidentes cardiovasculares e dos acidentes vasculares cerebrais, sobretudo devido ao controlo e diminuição dos factores de risco. Mas qual o papel da estética no domínio do desporto para os mais velhos? Ao nível do senso comum, o papel do desporto respeita, principalmente, à manutenção de uma forma física que se afaste da flacidez e da obesidade. Para as mulheres, sobre as quais a pressão social relativamente ao estereótipo corporal se exerce de forma bem mais acentuada do que em relação aos homens, a utilização do desporto como um meio de esculpir o corpo pode tornar-se quase uma obsessão. Numa sociedade em que se inventam e reinventam, a um ritmo frenético, meios para manter a juventude, mas em que não se ensina a lidar e a aceitar o declínio do corpo com a idade, as categorias morais *culpa* e *censura* podem perturbar significativamente o quotidiano do género feminino (e cada vez mais também o do masculino). No domínio filosófico, a estética há muito transpôs a norma, o padrão, o cânone. O olhar estético procura insistentemente desvendar novas formas nas formas estereotipadas, jogar com a luz, com as sombras, com o espaço, com o tempo, com o belo e com o feio. O nosso corpo

deve ser um lar, não uma prisão. A forma como o vemos e como com ele convivemos deve ser estética, mas não no sentido anestésico que prolifera actualmente. Os *gordos*, os *baixos*, os *calvos*, os *flácidos*, os *pouco bronzeados*, os *velhos*, são invisíveis, estamos anestesiados perante a sua presença, eles tornam-se transparentes aos nossos olhos. No entanto, o corpo envelhecido tem um valor estético próprio, ele preserva a memória da vida por que passou, revela a história do ser do homem no mundo. No domínio estético, o desporto para seniores terá que projectar para primeiro plano a categoria estética liberdade. O corpo envelhecido que pratica desporto é mais livre, não apenas porque tem mais força, maior amplitude de movimentos, mais agilidade, mais equilíbrio, mas também porque é mais capaz de conciliar a aparência com a essência.

Se actualmente o desporto pode ser olhado como mais um dos palcos em que o corpo contemporâneo oscila entre um desejo de superfície e um desejo de profundidade, a estética do corpo desportivo pode representar um espaço de conciliação e de harmonia, espaço de libertação, e não de constrangimento, do desportista e do homem do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Aristóteles (1998). *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 5ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
2. Castro, A. (2006). *Deporte, arte y cultura* [Em linha]. [Consult.2007-03-07]. Disponível em <http://antoncastro.blogia.com/2006/030201-deporte-arte-y-cultura.php>
3. Cunha e Silva, P. (1999). *O lugar do corpo. Elementos para uma cartografia fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
4. Eco, U. (2004). *História da Beleza*. Algés: Difel.
5. Gil, J. (1997). *Metamorfoses do corpo*. 2ª ed. Lisboa : Relógio D'Água Editores.
6. Gumbrecht, H.U. (2006). *In praise of athletic beauty*. London : The Belknap Press of Harvard University Press.
7. Maisonneuve, J.; Bruchon-Schweitzer, M. (1981). *Modèles du corps et psychologie esthétique*. Paris : Presses Universitaires de France.
8. Ribeiro, A.P. (1994). *Dança temporariamente contemporânea*. Lisboa: Vega.
9. Rodrigues, D. (2005). Corporeidade e exclusão social. In David Rodrigues (ed.), *O corpo que (des) conhecemos*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

CORRESPONDÊNCIA

Teresa Oliveira Lacerda
Faculdade de Desporto
Rua Dr. Plácido Costa, 91
4200-450 Porto
Portugal
E-mail: tlacerda@fade.up.pt